

## O vazio de domingo: entre a psicanálise, o abandono e o cinema

Vinícius Machado Pedrotti<sup>1</sup>

### Resumo

*O vazio de domingo* é um filme espanhol dirigido por Ramón Salazar que aborda a relação entre uma mãe e a filha marcada pelo abandono materno. O presente trabalho busca realizar uma análise fílmica dessa obra pelo viés da óptica psicanalítica, dialogando com autores clássicos e contemporâneos, a fim de explorar a constituição psíquica nesse contexto e compreender as consequências do abandono materno na vida adulta. A análise do longa-metragem objetiva ilustrar o processo de interpretação do conteúdo clínico, trazendo o filme como paralelo às vinhetas clínicas. Conclui-se oferecendo uma interpretação que possibilita o entendimento e a resignificação dos eventos retratados em *O vazio de domingo*, considerando também as implicações das condições de vazios psíquicos na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Análise fílmica. Psicanálise. Abandono materno. Tédio existencial. Clínica do vazio.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5132-5301>  
E-mail: [vpedrotti18@gmail.com](mailto:vpedrotti18@gmail.com) Instagram: @viniciuspeditotti.psi

## Introdução

*La enfermedad del domingo* (Salazar, 2018), traduzido no Brasil como *O vazio de domingo*, é um longa-metragem que retrata a história de Chiara (interpretada por Bárbara Lennie), que, depois de 30 anos, busca a mãe, Anabel (interpretada por Susi Sánchez), que a abandonou. Ao encontrá-la, propõe que passem dez dias juntas em sua casa, longe da cidade e de todo o conforto e requinte que Anabel está acostumada. A mãe aceita o convite, mediante contrato legal firmado com seu advogado e assinado pela filha, dando início, enfim, ao período em que, aos encontros e desencontros, o vínculo das duas será reatado e testado, culminando em uma experiência transformativa para ambas.

Mas que tipo de experiência *O vazio de domingo* oferece ao telespectador? Sempre que assistimos a algum filme, ou contemplamos qualquer outra forma de arte, somos impelidos a considerar certas ideias, resgatar certos afetos e reviver certas memórias. Essa relação com a arte não é dissimilar aos recursos psíquicos e afetivos convocados ao criar um vínculo com uma pessoa. Assim, busquei considerar o vínculo terapêutico, em específico, como paralelo à relação construída com a obra em análise. Iremos, neste artigo, resgatar afetos e memórias para dialogar com a psicanálise clássica e contemporânea a fim de interpretar e ressignificar o vazio de Chiara, abrindo caminho pela clínica do vazio e considerando sua implicação no mundo atual.

Posto isso, é oportuno frisar que as cenas do longa-metragem descritas neste artigo serão trabalhadas como vinhetas clínicas, com o intuito de aproximar o cinema da clínica. Além disso, a doença que acomete a personagem Chiara, à qual irei me referir como *enfermedad del domingo* ou a enfermidade de Chiara, será tratada como representação simbólica do adoecimento psíquico em decorrência do abandono e tomará posição central nesta investigação. As cenas discutidas serão brevemente descritas a fim de contextualizar o leitor, no entanto a visualização do filme na íntegra é insubstituível e altamente recomendada para uma leitura crítica deste trabalho.

Sendo assim, este escrito tem como objetivo considerar os afetos e memórias resgatados pelo *Vazio de domingo*, para dialogar com a psicanálise clássica e contemporânea, com a finalidade de interpretar e ressignificar o sofrimento de Chiara, explorando sua constituição psíquica e os conceitos de tédio existencial, melancolia e identificação com o objeto abandonante. Mas, antes de darmos início à análise da obra, faz-se necessário um pequeno prelúdio em relação à escolha do tema. O abandono parental, em especial por parte da mãe, assim como o abandono afetivo, é um tema importante que não tem tido protagonismo nas pesquisas científicas em psicologia, carecendo, portanto, de uma elaboração clara acerca de seus efeitos. Contudo, suas consequências se assemelham em muito das formas de sofrimento mais proeminentes na contemporaneidade. Refiro-me aqui às condições de vazio psíquico. Tendo isso em vista, uma pesquisa aprofundada sobre o tema é extremamente necessária. Há de fato uma conexão entre abandono e vazio? Como se caracteriza esse tipo de sofrimento? Qual a relevância desse tema para o contexto clínico? O presente trabalho busca responder a essas perguntas.

Para tanto, iremos firmar certos parâmetros para nossa apreensão do tema. Primeiramente, devemos estabelecer e justificar a metodologia aqui empregada. Em seguida,

considerando o fato de o filme em análise abordar o abandono e suas marcas indeléveis na psique humana, teremos de conceituar esse termo e considerar suas implicações na vida individual e em escala social. Estabelecido esses pontos, daremos início à análise fílmica, ao longo da qual consideraremos diferentes hipóteses diagnósticas para a personagem Chiara, elaboraremos seus sofrimentos e nos aprofundaremos na teoria psicanalítica que alicerça todas as inferências que serão feitas. Por fim, concluiremos com uma interpretação final, trazendo algumas considerações sobre o trajeto percorrido pelo trabalho, sua relevância prática e possíveis áreas de aprofundamento do tema.

### Considerações acerca do método

Apesar de a relação entre arte e psicanálise ser notória, ela não se justifica por si mesma, portanto precisamos explicá-la, com o intuito de elucidar, também, os objetivos deste trabalho e justificar a utilização de uma obra cinematográfica para alcançar os fins previamente propostos. Desde a sua concepção, o próprio criador da psicanálise já explorava desde a literatura até a escultura, utilizando-se da teoria em construção como ferramenta explicativa sobre o que a arte representava para a cultura e para a psicologia. Em 1914, Freud anonimamente publicava um ensaio no qual debatia não tão somente os fundamentos estéticos do Moisés de Michelângelo, como também se aventurava a apontar uma interpretação sobre o sujeito retratado pelo artista.

Para além do risco de fazer alguma asserção definitiva acerca do fruto criativo da abstração individual de um artista do qual pouco se conhece, há outro fator agravante na tarefa analítica de uma obra: o deficitário conhecimento técnico do autor sobre as artes. Quanto a isso, Freud (1914/2006) também se resguardou, afirmando de antemão em seu texto sobre a escultura de Moisés que não passava de um leigo. Apesar disso, sentia-se compelido a empreender a análise da obra:

A meu ver, o que nos prende tão poderosamente só pode ser a *intenção* do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la. Entendo que isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão *intelectual*; o que ele visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar. Mas por que a intenção do artista não poderia ser comunicada e compreendida em *palavras*, como qualquer outro fato da vida mental? Talvez, no que concerne às grandes obras de arte, isso nunca seja possível sem a aplicação da psicanálise (pp. 217-218).

Destarte, apesar das limitações do autor em relação às técnicas e recursos artísticos, há algo nas grandes obras de arte que apenas a psicanálise torna possível compreender. Para tanto, tenho primeiro de descobrir o significado e o conteúdo do que se acha representado em sua obra; devo, em outras palavras, ser capaz de *interpretá-la*. É possível, portanto, que uma obra de arte desse tipo necessite de interpretação e que somente depois de tê-la interpretado poderei vir a saber por que fui tão fortemente afetado. Arrisco-me mesmo a esperar que o efeito da obra não sofrerá qualquer diminuição após termos conseguido analisá-la (Freud, 1914/2006, p. 218).

Da mesma forma, pretendo, com o presente trabalho, alcançar tal compreensão do material artístico. Porém, baseando-se no comentário de Freud, somos levados a considerar outra limitação: a do próprio método. Restrito a uma conceitualização amparada por certa linguagem, a psicanálise é incapaz de apropriadamente “traduzir” a amplitude e multiplicidade de efeitos e afetos produzidos pela arte em si mesma, resultando na perda de algo fundamental (Weinmann, 2017).

Apesar disso, algumas obras permitem aproximações com a psicanálise. No caso do presente artigo, essa aproximação se dá com o cinema. Na visão de Catharin *et al.* (2017), a sétima arte figura processos oníricos mediante sistemas paralelos aos de condensação e deslocamento. Ademais, para os autores, a condição essencial para o estabelecimento de todos esses movimentos é a identificação, que permite a real vivência daquela ficção projetada nas salas escuras do cinema. Por isso, considerando tais aproximações, podemos conjecturar a relevância da análise fílmica para a compreensão e captura de elementos da obra e da humanidade ali contida. Para Weinmann (2017), isso pode ser feito de quatro formas:

1) ensaios de compreensão de uma obra à luz da biografia do autor; 2) diagnóstico psicopatológico de personagens; 3) leituras do texto fílmico a fim de detectar sua mensagem inconsciente; e 4) analogias entre a linguagem do cinema e de determinados processos psíquicos, como os sonhos. Em tais abordagens, estamos no domínio da psicanálise aplicada, isto é, a teoria psicanalítica opera como um saber transcendente. Ela ilumina o cinema, mas não se reinventa com ele (p. 6).

Neste trabalho, busquei realizar a análise fílmica referente ao diagnóstico psicopatológico das personagens e uma leitura do texto audiovisual (em especial das imagens e símbolos) referentes à apreensão do inconsciente da mãe e da filha retratadas na obra. Posto isso, é possível entender a relação da psicanálise com a arte — e, dentre as artes, o cinema. Conseguimos visualizar os paralelos entre a linguagem artística e a linguagem psicanalítica, porém, como podemos aproximar a pesquisa em psicanálise da prática clínica?

Conforme Figueiredo e Minerbo (2006), “um doutor em teoria psicanalítica pode muito bem ser um zero à esquerda em psicanálise ou nem isso: um mero letrado curioso” (p. 258). Os autores entendem, portanto, que há uma diferença entre o conhecimento teórico e a prática da psicanálise. Disso surge uma separação entre a mera pesquisa em psicanálise (pesquisa teórica) e a pesquisa com o método psicanalítico (psicanálise aplicada). A fim de conciliar conhecimento teórico e prática clínica viva, os autores defendem a produção de pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico. Sendo assim, este escrito visa, por meio da pesquisa elaborada, explorar o elo entre teoria psicanalítica e prática clínica, por intermédio do cinema.

### **Conceitos importantes: um preâmbulo teórico**

Partindo do entendimento de que o abandono é um retorno ao estado incipiente de desamparo, começaremos pelo último, que surge na psicanálise como uma ideia fundamental para a compreensão da estruturação psíquica, podendo ser entendido como condição inerente à experiência humana, uma vez que o ser humano nasce em um estado de absoluta dependência devido a uma “prolongada deficiência de maturação neurológica e motora”

(Zimmerman, 2001, p. 102). Desde o princípio, então, estamos entregues a uma aterrorizante realidade que pode, ou não, oferecer os meios para atender às nossas necessidades. Ainda assim, mesmo nos melhores dos contextos, a plenitude está longe de ser alcançada, ou, ao menos, dificilmente tem longa duração. No decorrer da vida do ser humano, esse paradigma não sofrerá quaisquer alterações. Em outras palavras, ocorre a “impossibilidade de satisfação pulsional perante o outro, colocando o sujeito de encontro com a experiência de perda e da angústia” (Campos & Silva, 2020, p. 68).

Dessa forma, percebemos que a relação com o desamparo e o sofrimento daí decorrente fundamenta a constituição e organização psíquica dos indivíduos. Sendo assim, há de se conceder a devida importância, também, àquele que medeia essa relação com a realidade causadora de desamparo, que, em grande parte dos casos, será a progenitora do sujeito. A mãe, contudo, tampouco engloba todos aspectos necessários para garantir a providência das necessidades da criança, pois há de se considerar todos os fatores agravantes ou atenuantes que viabilizam, ou não, o exercício da função materna. Nesse caso, podemos considerar que um termo mais apropriado para falar do conjunto de fatores, pessoas e provisões que facilitam o processo de desenvolvimento psíquico e físico do sujeito desde a mais tenra idade é, de acordo com a concepção winnicottiana, o ambiente facilitador (Soares Santos, 2022). Ademais, conforme a concepção de Winnicott (1963/1983), pressupõe-se que o ambiente possibilita senão a concretização das potencialidades do sujeito.

No entanto, Winnicott (1956/2000) frisa que a falha ambiental nos estágios iniciais da vida leva a uma interrupção da existência do bebê e, portanto, do desenvolvimento das suas potencialidades. Quando o desamparo é excessivo, provoca nele uma ansiedade ou angústia muito primitiva, que Winnicott (1956/2000, p. 403) nomeia de ameaça de aniquilação (ou ameaça de desintegração<sup>2</sup>). Já em um momento posterior desse processo de amadurecimento, quando o aparato psíquico do bebê se encontra suficientemente desenvolvido, para falarmos em termos de desejos e impulsos do Id (ou Isso<sup>3</sup>), e, conseqüentemente, de frustrações de tais desejos e impulsos (Winnicott, 1956/2000), as falhas ambientais deixam de ser ameaçadoras e tornam-se necessárias, “pois a frustração, se não excessiva, é também um estímulo à adaptação ao mundo externo e ao desenvolvimento do sentido de realidade” (Klein, 1957/1991, p. 217). Porém, isso é verdade apenas se essa frustração pode ser suportada (pelo bebê), contida (pela mãe) e simbolizada (pelo bebê, por meio da mãe). O sucesso contínuo dessa dinâmica caracteriza o ambiente que é denominado por Winnicott como suficientemente bom.

Por meio desse processo descrito, o sujeito desenvolve as ferramentas psíquicas necessárias para lidar com a frustração e se projetar para o mundo de forma criativa, a fim de encontrar caminhos diversos para alcançar a satisfação dos desejos. Entretanto, vale ressaltar que a criatividade, nesse caso, não se refere às capacidades artísticas, por exemplo.

---

2 Para os fins deste trabalho, assumirei que tanto o conceito winnicottiano de ameaça de aniquilação ou aniquilamento quanto o conceito kleiniano de ameaça de desintegração descrevem um mesmo evento, apesar de constituírem análises metapsicológicas diferentes.

3 Darei prioridade às traduções apresentadas nas obras consultadas, porém, quando não me referir a uma obra em específico, darei, por sua vez, prioridade às traduções mais recorrentes no vocabulário psicanalítico das produções científicas atuais.

A criatividade psíquica é uma função essencial do Eu, que confere ao indivíduo a habilidade de fantasiar, sublimar e até mesmo de criar um Eu coeso. Logo, sem o amparo necessário nas fases iniciais da vida, não há possibilidade de desenvolvimento de tal capacidade e a vida torna-se vazia e entediante (Minerbo, 2017).

Em consonância com isso, Duarte (2006) descreve:

Para que a criatividade possa ganhar vida é necessário que o meio ofereça condições adequadas. No início esta função é desempenhada pela mãe, que, ao ir de encontro às necessidades do bebê, lhe permite ter a ilusão de criar o que, de fato, existe na realidade. Esta primeira experiência criativa, vivida por um tempo suficiente, permite que se desenvolva no sujeito a crença de que ele pode encontrar no mundo aquilo que ele deseja ou necessita, sendo, portanto, o que o possibilita acreditar e engajar-se verdadeiramente na vida. Sendo assim, a criatividade participa do processo de construção do sentido de realidade, tal como do processo de constituição subjetiva. É ela que permite ao sujeito dotar a vida de valor e fortalece o sentimento subjetivo de existência (p. 9).

Dessa forma, é possível compreender que um bebê que não é devidamente acolhido pela mãe, ou que o ambiente falha em prover aquilo necessário para seu desenvolvimento, fica entregue às angústias mais primitivas e aterradoras. Analogamente, uma criança que não é amparada em seu processo maturacional tem suas potencialidades embotadas. Um vasto campo de pesquisas nessa área aponta para o fato de que o abandono parental contribui negativamente no desenvolvimento das crianças abandonadas, tanto em relação à saúde mental quanto na performance de habilidades cognitivas, especialmente quando se dá a ausência da figura materna (Böing & Crepaldi, 2004; Mao *et al.*, 2020). Isso está diretamente relacionado a um pior rendimento escolar, que, por sua vez, causa prejuízos duradouros para toda a vida adulta. A perenidade das consequências é tal que já foram observadas, por meio de imagens obtidas por ressonância magnética funcional, mudanças neuronais em recém-nascidos filhos de mulheres que sofreram, elas próprias, grandes adversidades e negligência emocional nos estágios iniciais da vida (Hendrix *et al.*, 2021).

Em vista disso, percebemos que não é necessariamente apenas o abandono físico que prejudica as crianças, posto que o abandono afetivo, também, pode gerar uma série de agravantes para a saúde mental do indivíduo. Consequentemente, é possível estender a discussão desenvolvida ao longo deste estudo para além do caso específico retratado.

Não obstante, reconhece-se que a considerável complexidade dos processos estruturais da psique permite-nos observar a inter-relação de diversos dos aspectos aqui apresentados, assim como a limitação desses conceitos para a análise individual. Tanto a teoria quanto os métodos estatísticos pouco elucidam acerca da pessoa posta diante do analista no contexto clínico. Perante cada sujeito, nenhuma interpretação, teoria ou hipótese diagnóstica preconcebida será prontamente satisfatória para o “explicar”. É apenas por intermédio da recombinação de uma miríade de preceitos teóricos e científicos agregados à investigação psicanalítica, apoiada na sustentação e abertura ao desconhecido, que se torna possível construir modelos de pensamento em conjunto com os pacientes que nos aproximam, ao menos um pouco, da verdade (Braga, 2017).

Levando isso em consideração, podemos ampliar nossa compreensão dos conceitos discutidos e incluir a incisiva observação da psicanalista Maria Rita Kehl (Instituto CPFL, 2017) em relação ao abandono. Segundo ela, uma criança abandonada é também aquela criada sem limites, ficando entregue à própria voracidade em uma sociedade que instiga o consumo e explora essa disposição. Isso pode ocorrer mesmo na presença dos pais e, conforme Winnicott (1956/2000) explica, é uma tendência que se agrava quando a mãe fracassa em se conectar com as necessidades do bebê nos estágios iniciais da vida e busca, então, compensar a falha atendendo a todos desejos da criança em um momento posterior.

Indo um pouco além, percebemos que as transformações sociais também provocam uma forma de abandono, haja vista que a liquidez e volatilidade das convenções sociais falha em constituir uma identidade para o indivíduo e não dispõe de orientações concretas para redirecionar a vida pulsional dos grupos, entregando o sujeito à própria sorte e fundando uma sensação de desamparo em macroescala. Consoante Minerbo (2017), “as formas de sofrer, em cada época e lugar, são consubstanciais às formas de ser” (p. 58). Na contemporaneidade, ao passo que se torna possível “ser quem você quiser ser”, também surge o desafio de descobrir, inventar e alicerçar esse Eu autêntico, único e original em uma base identitária sólida. Sendo assim, as instituições fragilizadas, incapazes de fornecer essa base, simbolizar as experiências e produzir significantes para os indivíduos, engendra, por sua vez, um novo tipo de mal-estar na atualidade: o tédio (Minerbo, 2017) — que está diretamente ligado à (in)capacidade do indivíduo de ter experiências criativas, como conclui Duarte (2006).

Tendo isso em vista, podemos apreciar a complexidade desse tema, que permeia a sociedade ocidental contemporânea e permite a apreensão de seus elementos mediante diversas ópticas e vieses de análise, tornando o assunto uma fonte inesgotável de exploração e debate. Destarte, para centrar e guiar tão vasta discussão, paralelos serão traçados entre a teoria psicanalítica e a história do longa-metragem *La enfermedad del domingo* (Salazar, 2018). Por intermédio desses paralelos, duas principais categorias diagnósticas e seus desdobramentos em relação ao adoecimento e contexto das personagens principais serão ressaltadas, com o objetivo de evidenciar a importância da compreensão psicanalítica na atualidade para a prática de uma psicologia clínica ajustada ao mal-estar contemporâneo e uma visão aprofundada e não excludente das diferentes hipóteses e percepções sobre a realidade, tal como ela se apresenta por meio do adoecimento e da arte.

Ademais, ao longo deste trabalho, abordarei especificamente a relação mãe-bebê. Porém, partindo do entendimento previamente discutido sobre os conceitos winnicottianos, podemos compreender que o sucesso ou fracasso da relação dessa dupla não depende exclusivamente das qualidades maternas do objeto, mas sim de todo um amparo do ambiente. Desse modo, ao falar das falhas maternas, gostaria de salientar que não pretendo reduzir a complexidade da estrutura ambiental à responsabilidade única do “indivíduo mãe”, afinal a maior parte dos casos de abandono materno se dão em contextos de vulnerabilidade social e, historicamente, uma carga desproporcional fica a cargo das mulheres pela responsabilidade de cuidar dos filhos, em comparação à sua contraparte parental masculina (Soejima & Weber, 2008). Em vista disso, enfatizo também que, qualitativamente, a função materna difere da função paterna, porém não inferem uma representação biologicamente feminina ou masculina.

## O tédio de domingo: temporalidade e vazio

Para iniciarmos a investigação da obra, devemos abordar o principal e contagiante sentimento que domina o longa-metragem: o tédio. Convém admitir que *O vazio de domingo* é um filme, em grande parte, tedioso. O ritmo moroso e enxuto diálogo evidenciam o silêncio que perpassa grande parte da obra, deixando-nos cair em um vácuo de estímulos e sensações por longos momentos. No entanto, esse recurso cinematográfico, assim como a experiência contratransferencial, comunica-nos algo valioso sobre o filme e suas personagens. Logo, o que podemos captar sobre Chiara é uma experiência não muito dissimilar, marcada por um sentimento penoso de profundo desinteresse que evidencia o vazio carregado no título da obra e no âmagô psíquico da personagem em questão.

De acordo com Gradin e Figueiredo (2017), há uma modalidade de tédio atribuída à sua variante existencial, caracterizada por uma “experimentação do vazio do viver em si” (pp. 99-100), com uma manifestação sintomática associada a uma relação paradoxal com o tempo, em que este parece arrastar-se, infindável, infrutífero e, simultaneamente, em retrospecto, figura-se efêmero e fugaz. O tipo descrito de tédio é chamado pelos autores de *tédio-branco*. O termo faz alusão à “série branca”, de André Green (1988), na qual estão incluídos diversos quadros que compõem a clínica do vazio, na visão desse autor. A metáfora da cor alude ao termo em inglês *blank* (Canelas, 2013). Essa palavra tem proximidade com o significado em português de “deixar em branco” ou “dar um branco”, no sentido de não preenchimento ou espaço vazio. Nessa alusão ao vazio, encontramos nítida semelhança com o filme em questão: *O vazio de domingo*.

No que concerne à vivência do tempo no filme, a relação com este assemelha-se em natureza à descrita por Gradin e Figueiredo (2017), em decorrência das tomadas longas, cenas estáticas e silêncios prolongados. No mundo de Chiara e Anabel (onde, curiosamente, inexistem *smartphones*, aparelhos famosos por sua relação dual com o tempo), o relacionamento entre mãe e filha, da qual ambas foram privadas, transcorre em suas diversas fases e faces em meros dez dias, porém a experiência do telespectador, no decorrer desse tempo, é de extrema relutância em perceber o movimento dos eventos que se sucedem. Em retrospecto, contudo, a impressão que se aloja na memória é de que a trama foi atenuada e emudecida, pois nada salta à recordação, sugerindo a percepção de que, na realidade, a narrativa se deu em uma rápida passagem por alguns acontecimentos pontuais. A partir dessa experiência paradoxal, somos forçados a sentir, como Chiara, o tédio de sua existência.

Ainda de acordo com Gradin e Figueiredo (2017), essa “construção mais rudimentar do tempo subjetivo”, característica de pacientes entediados, decorre da falta de uma organização entre mãe e bebê em um ritmo “que dá ao recém-nascido a noção de duração, com base em sensações gustativas, táteis e sonoras”. Assim, “resta uma pesada angústia sem decodificação na separação da díade e a consequente dificuldade de o bebê se ligar com o tempo do Outro” (Safra, 2015, como citado em Gradin & Figueiredo, 2017, p. 100). Isso, consequentemente, prejudica a aquisição do *tempo compartilhado* e, em sequência, do *tempo transicional*, “no qual a imaginação e o faz-de-conta poderiam fazer face às sensações desorganizadoras do tempo eterno ou longo demais para as próprias capacidades de tolerância da criança” (Gradin

& Figueiredo, 2017, p. 100). Dessa forma, torna-se difícil tanto compartilhar o ritmo de vida com outrem quanto utilizar a criatividade para lidar com o tédio. Mas por que a criatividade é prejudicada? Para responder a essa questão, devemos recorrer, novamente, a Winnicott.

Em seu texto sobre a preocupação materna primária, Winnicott (1956/2000) descreve um estágio de hipersensibilidade materna às necessidades do bebê, por meio do qual ela será capaz de corresponder a essas necessidades e, assim, desenvolver uma relação na qual a mãe, nesse estado primitivo de *rêverie*, permite “uma ressonância com o que é projetado” (Zimerman, 2001, p. 368) pelo bebê. A partir da elaboração dessas experiências, a psique do infante se desenvolve, gradualmente, formando estruturas próprias e se desvinculando das estruturas da mãe, caso ela não seja excessivamente intrusiva ou abandonante. É a partir dessa gradual retirada da mãe que o bebê pode ir desenvolvendo suas próprias capacidades, conquistando, assim, a capacidade criativa (Duarte, 2006). Tendo isso em vista, percebemos que, com o estabelecimento do *tempo compartilhado*, em que a mãe se adéqua às necessidades e ritmo do bebê, dando-lhe a impressão de criar aquilo que há na realidade, torna-se possível a passagem para a fase seguinte, a fase de retirada gradual da mãe, que é marcada pela utilização criativa dos recursos psíquicos da criança para lidar com essa ausência e alcançar a satisfação das suas necessidades.

A fase em questão refere-se à ideia de *tempo transicional*, porém, para que os frutos da passagem por essa fase sejam colhidos pelo indivíduo que passa por ela, há um conjunto de fatores que podem, ou não, constituir o ambiente de forma suficientemente adequada para a transição. Esse ambiente seria o espaço transicional. Green (2017, como citado em Rabuske, 2018, p. 5) traz a incapacidade de criação desse espaço como ponto central da constituição subjetiva em casos-limite: “em vez de fenômenos transicionais eles criam sintomas que preenchem sua função”. Assim, baseando-se na teoria de Green (2017, como citado em Rabuske, 2018, p. 5), Rabuske delinea, em seu ensaio sobre o mesmo filme, os contornos de um caso-limite no adoecimento de Chiara, caracterizado pelos processos de clivagem e desinvestimento objetal.

A clivagem em casos-limite, no entanto, difere-se em termos metapsicológicos da clivagem neurótica (recalque) e da psicótica. Acerca desse conceito, podemos perceber que:

A clivagem entre o dentro e o fora constitui um envelope depurando os contornos do Eu, cujos limites são mais bem definidos, mas que não funcionam como barreira protetora. De fato, as fronteiras do Eu são muito precárias e a clivagem segue as fronteiras do Eu em seus movimentos, não segundo um comportamento relacionado com a situação, mas como levada por uma espécie de fluxo e de refluxo, alternando entre a expansão e/ou a retração, que são uma maneira de reagir à angústia de separação (perda) e/ou à angústia de intrusão (implosão). Essa variabilidade dos limites do Eu não é sentida como um enriquecimento da experiência, mas como uma última medida defensiva contra a desintegração ou o desaparecimento. Esse envelope do Eu, essa barreira movente, protege imperfeitamente um Eu vulnerável, ao mesmo tempo rígido e sem coesão (Green, 2017, como citado em Rabuske, 2018, p. 4).

Referente a essa conceitualização, podemos perceber a alternância entre as reações à angústia de separação e intrusão em Chiara no seu comportamento de aproximar-se e

afastar-se bruscamente da mãe. Ademais, segundo Rabuske (2018), os limites entre o dentro e o fora que Green menciona dizem respeito às dimensões intrapsíquica e intersubjetiva, respectivamente. Além disso, a clivagem

consegue criar núcleos isolados, sem comunicação entre si, porém relativamente estruturados. Green propõe nomear esse tipo de Eu de arquipélago. Em função dessa falta de comunicação entre as ilhas há a ausência de integração, de unidade. O resultado é um Eu sem coesão nem coerência. Identificação projetiva, onipotência, negação são mecanismos psíquicos decorrentes da clivagem (Rabuske, 2018, p. 4).

Isso, por sua vez, culmina em um desligamento e perda de vitalidade, expressões do vazio interno que Gradin e Figueiredo (2017) conectam com a ideia inicial do sentimento de tédio:

Nos casos de patologia borderline, todavia, o tédio-branco aparecerá como sintoma com contornos próprios, como sinal da problemática da própria constituição das fronteiras do self, da separação entre eu e não-eu: nestes casos, haverá uma contração das fronteiras do eu, e o indivíduo se afastará dos objetos, deixando o eu estático, paralisado, encolhido. A coesão do self estará ameaçada, por isso a manutenção do desligamento e das baixas intensidades fará sentido, como se houvesse uma área menor a ser vigiada por uma sentinela sem muitas forças (p. 101).

Tendo isso em vista, podemos perceber o sintoma descrito como produto de um Eu fragmentado que, com muita dificuldade, tateia as suas fronteiras sem ter sucesso em definir seus limites. Sendo assim, tampouco é capaz de colocar em ordem uma boa defesa. Tudo isso resulta em uma ondulação que Green (2017, como citado em Rabuske, 2018, p. 4) diz ser como “uma espécie de fluxo e de refluxo” entre um estado de angústia de separação e angústia de intrusão. Em relação ao quadro descrito, Canelas (2013) indica o seguinte manejo clínico:

Com muita paciência, o analista é obrigado a lidar o tempo todo com a distância, pois é submetido ao seguinte paradoxo: se estiver perto, será intrusivo demais, se estiver distante, abandona e desampara o analisando. Nas análises desses pacientes o enquadre terá de ser construído. O analista, aos poucos, graças a sua criatividade, procura criar espaços de mediação da relação com o paciente, “tecendo” uma rede de representações e de significações (p. 130).

Depreendemos disso que é requerido do terapeuta uma constante reavaliação da sua posição, entre uma neutralidade técnica e a presença implicada (Figueiredo, 2007). Ademais, gostaria de salientar, nesse fragmento, dois pontos em específico: o enquadre e o uso da criatividade. Da mesma forma que o bebê se relaciona com o Ego da mãe para elaborar suas experiências, o terapeuta deve emprestar sua mente para pensar aquilo que não tem registro e/ou estrutura para ser pensado pelo paciente. Dado o suporte invariável do enquadre (Bleger, 1967), a criatividade poderá entrar em campo para elaborar, em um jogo transicional, a ausência do objeto em questão, uma vez que o espaço adequado para essa elaboração nunca foi fornecido pelo ambiente na constituição desse sujeito. Assim, por meio do enquadre, o ambiente analítico poderá fornecer o suporte necessário para o florescimento da criatividade incipiente do analisando, porém isso requer um certo nível de “jogo de cintura” do analista para lidar com o fluxo e refluxo da aproximação e afastamento, da presença e neutralidade na relação com o paciente.

Além disso, o terapeuta deve “buscar um manejo analítico que convoque formas de revitalização” (Gradin & Figueiredo, 2017, p. 100), pois são pacientes desvitalizados que, em contratransferência, nos fazem experimentar uma corrente mortífera que escancara os vazios de nossas próprias mentes. Diante disso, parece natural desejar expurgar essa sensação, evitando senti-la, porém não olhar para o vazio não o faz desaparecer. O que o terapeuta deve fazer, então, é facilitar sua integração, para “que o analisando possa ir encontrando meios de nomear a ausência, simbolizá-la, regredir em ambiente maleável e confiável, em um trabalho de constituição da capacidade de ficar sozinho” (Gradin & Figueiredo, 2017, p. 100), e isso apenas ocorre quando ambos, analista e analisando, permitem-se experienciar o vazio ali presente.

### **A melancolia de domingo: culpa, ambivalência e o desinvestimento pulsional**

Chegando a este ponto, parece-me seguro afirmar que os contornos da patologia de Chiara assemelham-se também à melancolia. Tal patologia foi descrita por Freud (1917/2006) de acordo com os seguintes parâmetros, que apontam

um desânimo profundamente penoso, a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (p. 250).

O desânimo, a falta de interesse pelo mundo, a perda da capacidade de amar e a inibição de qualquer tipo de atividade são características observáveis em Chiara e atribuíveis ao desinvestimento objetal previamente discutido. O que resta é questionar: Há um rebaixamento da sua autoestima? Ou então: Há um sentimento de culpa que justifique o comportamento de autorrecriminação e autoenvilecimento? E de qual fonte se origina tal conflito?

Quanto à autoestima, conseguimos observar seu rebaixamento quando Chiara desmerece suas conquistas pessoais, tanto profissionais quanto educacionais, em uma conversa com Anabel. Além disso, quando a mãe a elogia pelas montagens feitas com as antigas fotos de Anabel, Chiara responde dizendo que não era nada demais. Esse comportamento, enquanto presumivelmente descreve a realidade e aparenta evidenciar certa humildade, ainda a qualifica como enferma, pois, como afirma Freud (1917/2006), “quer fale a verdade, quer se mostre mais ou menos injusto para consigo mesmo” (p. 252), o indivíduo que apresenta no seu discurso quase que um total desprezo por si mesmo e por suas conquistas há de estar enfermo.

Já em relação à culpa, podemos entendê-la como fruto da sustentação de uma posição ambivalente: a de odiar um objeto que ao mesmo tempo é amado (Winnicott, 1958/1983). Observamos, mais notavelmente, a expressão desse sentimento depois de Chiara perceber que havia machucado Anabel quando arremessa a xícara que segurava, no momento em que denuncia a mãe pelo abandono. A raiva da filha culmina no ataque que, tão logo ocorre, já busca ser reparado. A demonstração de remorso implica um sentimento de culpa, porém, podemos inferir que esse conflito ambivalente já existia antes do restabelecimento da relação com a mãe? Para isso, algo há de nos levar a acreditar que, em primeiro lugar, Chiara dispunha de algum afeto por essa figura abandonante, mesmo na sua ausência.

O ódio, por sua vez, é evidente na fala e nas ações da protagonista. O amor, como discutido anteriormente, não é anulado por essa parcela de ódio e pode ter se desenvolvido na forma de uma idealização da figura materna ausente, como observamos no momento em que Chiara apresenta suas colagens com fotografias, quando ela se insere nas recordações da mãe. Mas tanto o ódio como o amor estavam até então distorcidos por não terem um objeto real para o qual poderiam direcionar sua pulsão. Sendo assim, quais seus destinos?

Segundo Freud (1917/2006), nos casos de melancolia, o ódio encontra seu recipiente em si mesmo, em um Ego dividido em parte identificada com o objeto e parte sádica, encontrando satisfação na atividade punitiva de uma parte sobre a outra. Winnicott (1958/1983) esclarece esse ponto explicando que no momento da perda do amor do objeto (seja pelo abandono, seja pela morte) surge a percepção de que o ódio superou o amor e se tornou manifesto. Assim, o Ego se responsabiliza pela perda e volta contra a parte identificada com o objeto todo o ódio que, em condições normais, direcionaria à figura agora ausente e, dessa forma, preserva-a dos ataques e a mantém idealizada. Dessa maneira, também a mantém presente e viva, mesmo na sua ausência.

Quando ocorre a piora dos sintomas de Chiara, podemos, em um primeiro momento, atribuir isso ao fato de que, dado o conflito ambivalente e seu desenrolar em um estado melancólico, surge a “expectativa delirante de punição”, como pontua Freud. Ao final do filme, Chiara faz um pedido à mãe que não é explicitado na obra, porém tudo nos leva a crer que diz respeito ao afogamento (de Chiara) no lago. Podemos entender esse ato como a realização da sua expectativa de punição, solucionando o “enigma da tendência ao suicídio” (Freud, 1917/2006, p. 257). Em um segundo momento, podemos interpretar a piora dos sintomas da enfermidade da protagonista como resultantes do agravamento da ameaça de desintegração em decorrência do aprofundamento da relação com a mãe, que, conseqüentemente, levou à ativação das defesas psíquicas de Chiara.

Sendo assim, podemos concluir que a enfermidade de Chiara se manifesta como uma forma de melancolia. No entanto, o auxílio de uma descrição diagnóstica no tratamento é limitado e, além das ações, intervenções e posturas exigidas do terapeuta para amparar o analisando no processo de cura, há de se buscar um entendimento mais profundo das particularidades do seu sofrimento. Para isso, precisamos examinar detidamente os momentos finais de *O vazio de domingo*.

### **A morte de domingo: o fim da repetição e o renascimento simbólico**

Ao nos depararmos com a morte de Chiara nas cenas finais do filme, é compreensível que surjam certas dúvidas. Enfrentamos, ainda, um conflito: se inicialmente tomamos a posição de compreender a doença de Chiara simbolicamente, como devemos enquadrar a morte dela a partir dessa perspectiva? Ademais, seria possível explicar cada elemento do processo de sua morte de forma simbólica também? Buscarei responder a essas questões a seguir, mas fica claro que são muitas as peças que compõem esse quebra-cabeça e, talvez, sejam todas passíveis de análise e interpretação minuciosa. Apesar disso, acredito que um panorama geral sobre os elementos dispostos até aqui, aliado à descrição de cada etapa que constitui o clímax do filme, dará os contornos para uma compreensão da obra como um todo.

Inicialmente, podemos propor uma interpretação menos holística e mais pessimista, que infere a desintegração e morte de Chiara como produto de suas feridas da infância. Fragilizada pelas falhas maternas, no decurso de seu desenvolvimento psíquico não se estabeleceram estruturas fortes o suficiente para suportarem a repetição do sofrimento do abandono do objeto primário, o que a leva a uma iniludível sentença de morte. Assim também pode ocorrer no contexto clínico. Tanto o ambiente pode falhar de forma irremediável nas fases iniciais da vida quanto as perdas e decepções de um momento posterior podem render ineficazes até mesmo as experiências mais positivas alcançadas em análise. Entretanto, ainda poderíamos sustentar que a morte ali representada não é literal e, apesar de trágica, não é definitiva.

Quanto a essa interpretação, gostaria de preservar apenas o entendimento da morte de Chiara como algo não literal. Podemos prosseguir, então, com uma descrição mais detalhada da cena.

Depois do retorno de Anabel, Chiara é encontrada deitada no chão, do lado de fora de casa, onde ela havia ficado quando a mãe partiu. Anabel tenta levantar a filha para levá-la até a cama, porém Chiara resiste e afirma estar cansada. A mãe então compreende o que isso significa, pausa por um momento e pondera sobre suas próximas ações. Então, ela decide carregar Chiara em um carrinho de mão vermelho, no qual a filha fica deitada em posição fetal enquanto é levada, através da floresta desolada pelo frio do inverno, para um lago. Quando Chiara abre os olhos novamente, Anabel está se despindo perante uma fogueira à beira do corpo de água. A mãe, agora nua, vai até a filha para auxiliá-la a se levantar e a leva para perto do fogo para também tirar as roupas. As duas nuas se abraçam. Chiara nos braços da mãe diz entendê-la. Anabel pergunta o que a filha entende e Chiara complementa: “Tudo”. Uma lágrima escorre dos olhos de cada uma delas. A cena corta para uma imagem da floresta. Em seguida, voltamos para o lago, mas agora com Chiara e Anabel dentro da água. Vendo ambas de costas, fica evidente que, nesse momento, elas têm o mesmo corte de cabelo, porém o de Anabel é branco e o de Chiara, preto.

O que acontece a seguir é o afogamento de Chiara. Ela diz não temer e pede para que a mãe não olhe para ela. Anabel, então, a submerge no lago e o enquadramento muda para se aproximar e focar no rosto da mãe enquanto segura a filha sob a água até que Chiara pare de se mover. A cena é bastante longa e desconfortável. Fora o som da água, nenhum outro ruído se escuta. O silêncio é ensurdecedor. Anabel chora. Quando a cena corta novamente, vemos Anabel vestida, caminhando sozinha pela floresta com uma expressão de desorientação. Seu percurso só é interrompido quando ela se depara com a casa da filha. Ela a observa e logo, a nós também, é exibida a construção. Em seguida, a imagem escurece e os créditos começam a rolar. No entanto, antes disso, é possível observar um detalhe: da janela de um dos cômodos, vê-se uma luz acesa.

Como podemos tentar assimilar todos esses elementos, então? Para isso, precisamos, primeiro, entender algo acerca da figura materna. Além do que foi exposto ao longo deste trabalho, há um momento em que Anabel revela um detalhe crucial para compreendermos a relação com a filha. Isso ocorre no fim do filme, quando Anabel “abandona” Chiara novamente. Nesse momento, ela vai ao encontro do ex-marido, pai de Chiara, e, ao conversar com ele, o homem demonstra surpresa pela aparição da ex-esposa. Ele, Matthieu, diz que Anabel sempre

teve necessidade de imaginar que o que desejava estava em outro lugar. Ela, então, indaga: “Onde?”. Ele dá de ombros e responde: “Qualquer lugar, menos aqui” (Salazar, 2018, tradução minha). Anabel, mais tarde na conversa, confirma a observação do ex-marido dizendo que sempre quis mais, e mesmo conseguindo mais, nunca foi suficiente. Com essa troca entre os dois, fica claro que também há um vazio próprio em Anabel. Um vazio que consome tudo o que toca, como um buraco negro. Assim, percebemos que, incapaz de se satisfazer com o que conquistava e estabelecia, Anabel nunca obteve sucesso em se conectar verdadeira e profundamente com o presente. Devido a isso, teve dificuldade de manter conexão com a filha, levando-a a decidir abandoná-la.

A mãe incapaz de se conectar com seu bebê nos remete às falhas que discutimos em relação ao que Winnicott (1956/2000) articulou em seu artigo sobre a preocupação materna primária. Para além dessa concepção, gostaria de elaborar uma última hipótese, que visa correlacionar as ideias discutidas e as questões apresentadas pelas personagens com a conceitualização de Green (1988) acerca do complexo da mãe morta.

Green (1988) caracteriza esse complexo como uma descoberta da transferência, ou seja, não é algo explicitamente comunicado pelo paciente. Consoante Candi (2015): “Na *síndrome da mãe morta* o que se repete no campo de força da relação analítica é a dor muda e sua incomunicabilidade”. No que tange a isso, Minerbo (2017) delibera sobre um caso clínico por intermédio do campo transferencial, em que a autora reconstrói para si mesma uma “relação entre a criança e um objeto primário que não tinha acesso ao que chamamos de *mundo emocional*” (p. 56). Em relação a essa deliberação imaginativa, Green (1988) explicita que “não é raro o paciente contar espontaneamente uma história pessoal onde o analista pensa consigo mesmo que lá, em determinado momento, deveria, ou poderia se situar uma depressão da infância que o paciente não menciona” (p. 256). Em outras palavras, devido à natureza incomunicável desse complexo, é apenas por intermédio dessas ponderações transferenciais que se chega a uma imagem constituinte do adoecimento do paciente. A imagem em questão é a da mãe morta.

Para Green (1988), o quadro evidenciado refere-se ao desinvestimento repentino da mãe no filho, que a criança percebe como catastrófico. Até esse momento decisivo, a relação com a mãe era vivenciada com amor, porém, repentinamente, todos os afetos foram retirados. Essa mudança brusca e os sentimentos que ficam interrompidos ali impedem certas funções psíquicas de nascer, ou então são desativadas pela falta de investimento (Minerbo, 2017). Além disso, há uma perda de sentido, “pois o bebê não dispõe de nenhuma explicação para dar conta do que aconteceu” (Green, 1988, p. 248). Dessa forma, na visão de Green, há uma mãe presente e conectada afetivamente com a criança que, devido a determinada circunstância, procede a viver um luto ou depressão que, por sua vez, leva ao desinvestimento libidinal no bebê.

Na tentativa de reparar a perda do amor, a criança emprega algumas defesas ativas que buscam, por meio da agitação, euforia e descarga de energia, resgatar a mãe de sua estagnação afetiva. Fracassadas as tentativas, o Eu do sujeito aciona uma segunda série de defesas. Nesse movimento, o bebê desinveste, por sua vez, afetiva e representativamente do objeto materno, realizando o que Green (1988) chama de “assassinato psíquico do objeto,

realizado sem ódio” (p. 249). Em seguida, o que ocorre é uma identificação em espelho, em que “não há reparação verdadeira, mas mimetismo, cuja finalidade, não podendo ter mais o objeto, é continuar a possuí-lo, tornando-se não como ele, mas ele mesmo” (p. 249). Destarte, o sujeito paradoxalmente renuncia ao objeto, ao mesmo tempo que mantém um vínculo com ele pela identificação.

Torna-se evidente, a partir da discussão desse conceito, a similitude com o processo que as personagens de *O vazio de domingo* percorrem. Logo antes de entrarem no lago, Chiara diz à mãe que entende “tudo” (Salazar, 2018). Em seguida, vemos as duas dentro do lago e, de costas, seus cabelos são iguais. O mesmo corte, o mesmo volume, apenas diferindo em coloração. A fala e a cena destacam a identificação de Chiara com a figura materna, que, nesse momento crucial, culmina em um espelhamento literal entre as atribuições do par. “Nas relações de objeto posteriores, o sujeito, preso na compulsão à repetição, porá ativamente em ação o desinvestimento de um objeto passível de decepcionar, repetindo a defesa antiga” (Green, 1988, p. 249).

Dessa forma, o indivíduo acaba buscando relações apenas nas suas “versões” menos complicadas, como na relação com um animal de estimação ou uma relação sexual casual, ou mesmo em um desejo romântico platônico. Mas em nenhuma há muito aprofundamento. O desinvestimento pulsional e a retirada da libido das relações servem como defesa, posto que, para o sujeito, o investimento invariavelmente levará à catástrofe. O registro prévio dessa catástrofe na relação primária traz consigo a ameaça de desintegração (ou aniquilamento) na possibilidade de sua repetição em relações posteriores. O Eu, portanto, retira-se desse jogo de azar, evitando o aprofundamento das relações e preservando o que há de vida por meio desse desligamento. O resultado disso assemelha-se muito à morte psíquica, mas mesmo a morte em seu tranquilo desligamento é preferível ao doloroso aniquilamento. A razão para esse temor pode ser atribuída ao fato de que a ameaça em questão alude a um momento extremamente primitivo que precede sequer a concepção de morte (Winnicott, 1956/2000).

Devido a isso, “o paciente tem a sensação de que pesa sobre ele uma maldição, a da mãe morta que não acaba de morrer e que o mantém prisioneiro” (Green, 1988, p. 252). Sendo assim, o feitiço que levantará a maldição não pode ser outro senão a concretização da morte dessa mãe. Porém, considerando que agora o vínculo real com o objeto foi substituído por sua replicação identificatória, a morte que deve se efetivar é a do próprio sujeito — enquanto identificado com a mãe morta. Dessa forma, o que presenciamos nos últimos momentos de *O vazio de domingo* é a morte da figura materna que Chiara repetia compulsivamente em todos seus relacionamentos. Livre dessa maldição, Chiara torna-se mestra soberana de sua existência, liberta para renascer não mais como uma réplica do objeto abandonante, mas como si-mesma, presumivelmente autêntica e original.

Mas por que acreditar que Chiara renasce ao fim desse processo? A viabilidade dessa interpretação reside na simbologia particular dos eventos que culminaram em sua morte. Primeiramente, Chiara é carregada, em posição fetal, pela mãe até o lago em um carrinho de mão. A imagem daí decorrente é remanescente de uma gestação. Em seguida, a morte de Chiara por afogamento se dá em um lago. Dentre todas as formas de morrer, ao que tudo nos indica, a escolha desta em particular deve ter alguma significância especial para a personagem.

Tendo isso em mente, a associação imediata que podemos fazer é a com o batismo. A palavra “batismo” tem origem no grego e significa submergir, mergulhar. O ato, na fé cristã, confere ao indivíduo batizado uma nova posição perante a existência, uma nova vida (Brustolin, 2023).

Aliada a essa interpretação, a última imagem do filme exhibe a casa de Chiara com apenas um cômodo emanando luz de uma janela. Somos levados a crer que aquela é a janela do quarto da protagonista ou a janela da qual esperou o retorno da mãe quando ela a abandonou. Seja qual for a interpretação, em ambos os cenários a imagem traz à tona a simbólica presença de Chiara na residência e a ideia de que ela não mais aguarda o retorno da figura abandonante. Assim, podemos deduzir que a ausência do objeto primário foi simbolizada, as partes cindidas do Eu de Chiara foram integradas e a mãe morta finalmente terminou de morrer.

### Considerações finais

O abandono parental, como retratado no filme, é um problema pouco explorado e pouco pesquisado na atualidade, no entanto, independentemente da sua relevância estatística, no que concerne à frequência desse fenômeno, deve-se considerá-lo como âmbito da experiência humana tão digno de pesquisa quanto qualquer outro fenômeno. Acrescenta-se a esse fato o entendimento de que o desamparo causado pelo abandono encontra consonância no desamparo dos indivíduos perante o colapso das instituições, posto que elas eram responsáveis por simbolizar a experiência humana e redirecionar a vida pulsional, tal como a mãe faz por seu bebê. Sendo assim, a relevância desse tema se renova, pois, ao compreendermos um, também compreendemos o outro, uma vez que ambos os fenômenos são produtores do tipo de sofrimento que é retratado ao longo deste trabalho. Dessa forma, é possível ver, em nível social, um efeito similar ao que observamos em Chiara: a constituição de uma psique fragmentada que, em última instância, sobrevive à melancolia e ao tédio da existência mediante uma identificação com o objeto abandonante, vivendo uma vida desvitalizada, evitativa e desconectada dos afetos.

Utilizando-se da construção elaborada neste trabalho, podemos melhor compreender pacientes desvitalizados, entediados e fragmentados, assim como o mundo que produz esse tipo de constituição psíquica e sintoma, pois foi demonstrada a conexão entre abandono e vazio psíquico, tal condição foi caracterizada e a relevância desta pesquisa para o contexto clínico foi constantemente evidenciada. Ademais, transitando entre variados autores e variadas hipóteses diagnósticas, busquei destacar que, apesar da impossibilidade de contemplarmos totalmente o vasto aparato mental, é possível tecer diversas interpretações, explicações e hipóteses sem a exclusão de uma ou outra, para que, dessa forma, possamos ampliar o território da nossa consciência sobre os complexos e infundáveis assuntos inconscientes. Por isso, torna-se possível integrar os mais diversos aspectos teóricos, subjetivos e científicos em uma construção que visa não tão somente ao preenchimento das lacunas do passado (Freud, 1937/2006), mas também à fruição do devir, produto do desejo (Zourabichvili, 2004). Sendo assim, a construção não se encerra na clínica, na interpretação. Ela deve, também, abrir a possibilidade de construção, presente e futura, amparando o contínuo processo de transformação do analisando, que nunca cessa de tornar-se.

Contudo, isso evidencia algumas limitações deste estudo. A natureza impermanente da constituição subjetiva torna qualquer afirmação contundente sobre a prática profissional imprecisa. Além disso, o escopo limitado do caso aqui discutido e da revisão de literatura, assim como a própria escolha de realizar uma análise fílmica, também restringem a possibilidade de generalização das hipóteses e reflexões teóricas trazidas.

Tendo isso em vista, é imprescindível que futuras pesquisas sobre o tema sejam realizadas, trazendo maior aprofundamento para questões como: o tempo na clínica, seus fundamentos na infância e seus desdobramentos na constituição das percepções subjetivas da passagem do tempo; as formas fragmentárias de organização do Eu e a clínica do vazio; a validação de intervenções clínicas para o tratamento de pacientes, tais qual a retratada no filme analisado; assim como estudos populacionais e longitudinais que trazem um recorte mais amplo da temática exposta neste trabalho.

A despeito das limitações elencadas, o estudo redigido nestas páginas buscou preencher uma lacuna na área do abandono e da clínica do vazio, traçando uma relação entre ambos, resgatando e dialogando com autores clássicos e contemporâneos da psicanálise e ilustrando a construção de interpretações a respeito de um sujeito existencialmente entediado, por intermédio de uma análise fílmica, nos moldes descritos por Figueiredo e Minerbo (2006) de uma pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico. Ademais, a forma como este estudo foi apresentado pode ser um facilitador para a compreensão de certos temas aos psicólogos em formação, porém também oferece reflexões originais que podem ser de grande valia para os estudiosos e praticantes de longa data da psicanálise.

Por fim, gostaria de citar Matthieu, o pai de Chiara, em conversa com Anabel: “Algumas lembranças se movem e nos ajudam a viver. Outras... ficam estagnadas. Elas são muito poderosas. Se não as colocar em movimento de novo, elas o perturbam” (Salazar, 2018, tradução minha). Creio que, dada a análise realizada, é possível concluir que, ao fim deste percurso, foi dado movimento às memórias da filha de um longo — e terrível — domingo vazio.

## Referências

- Bleger, J. (1967). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. In J. Bleger, *Simbiosis y ambigüedad: Estudio psicoanalítico* (pp. 237-250). Buenos Aires: Paidós.
- Böing, E. & Crepaldi, M. A. (2004). Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção. *Estudos de Psicologia*, 21(3), 211-226. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dV6NyRhFbzkY8xvkh87mCXR/>>.
- Braga, J. C. (2017). O legado de Bion: um novo paradigma para pensar a psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 50(92), 180-193. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352017000100014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000100014&lng=pt&tlng=pt)>.
- Brustolin, D. L. A. (2023). Por que batizar as crianças? CNBB. Recuperado em 20/06/2024 em: <<https://www.cnbb.org.br/por-que-batizar-as-criancas/>>.
- Campos, É. B. V. & Silva, A. N. (2020). O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico. *Revista de Psicologia da UNESP*, 19(1),

67-87. Recuperado em 03/06/2026 em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442020000100005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000100005)>.

Canelas Neto, J. M. (2013). Reflexão sobre o vazio dentro da psicanálise: do horror do vazio ao vazio criador de metáforas. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 127-140. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352013000200013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200013&lng=pt&tlng=pt)>.

Candi, T. S. (2015). *Entre interpretação e Rêverie: a mãe morta de André Green*. SBPSP. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://www.sbpsp.org.br/blog/295-2/>>.

Catharin, V., Bocchi, J. C. & Campos, É. B. V. (2017). Psicanálise e cinema: o ser humano como um ser cinematográfico. *Ide*, 40(64), 143-157. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062017000200012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200012&lng=pt&tlng=pt)>.

Duarte, E. T. (2006). *Considerações sobre a experiência subjetiva contemporânea a partir do conceito winnicottiano de criatividade*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 03/06/2026 em: <[https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2006\\_23188f47b2a61c7eb7585b54dbb70e87.pdf](https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2006_23188f47b2a61c7eb7585b54dbb70e87.pdf)>.

Figueiredo, L. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Psychê – Revista de Psicanálise*, 11(21), 13-30. Recuperado em 03/06/2026 em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382007000200002](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002)>.

Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt)>.

Freud, S. (2006). O Moisés de Michelangelo. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 217-237). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).

Freud, S. (2006). Construções em análise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 275-290). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).

Gradin, A. M. B. & Figueiredo, L. C. (2017). Tédio: três formas de manifestação na clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 91-107. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2017000300007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000300007&lng=pt&tlng=pt)>.

Green, A. (1988). *Mãe morta. Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Hendrix, C. L., Dilks, D. D., McKenna, B. G., Dunlop, A. L., Corvwin, E. J. & Brennan, P. A. (2021). Maternal childhood adversity associates with frontoamygdala connectivity in neonates. *Biological psychiatry. Cognitive neuroscience and neuroimaging*, 6(4), 470-478. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33495120/>>.

- Instituto CPFL. (2017, 13 de setembro). *Infância e novas configurações familiares, com Maria Rita Kehl* [Vídeo]. YouTube. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvWqGsLhZu4>>.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1957).
- Mao, M., Zang, L. & Zhang, H. (2020). The effects of parental absence on children development: evidence from left-behind children in China. *International journal of environmental research and public health*, 17(18), 6770. Recuperado em 20/06/2024 em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7559575/>>.
- Minerbo, M. (2017). O tédio e a clínica do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 53-63. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So486-641X2017000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So486-641X2017000300004&lng=pt&tlng=pt)>.
- Rabuske, A. S. (2018). O vazio do domingo à luz dos conceitos de clivagem e depressão nos casos-limite (André Green). *Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul*. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://www.circulopsicanaliticors.com.br/arquivos/o-vazio-do-domingo-a-luz-dos-conceitos-de-clivagem-e-depressao-nos-casoslimite-andre-green-130421.pdf>>.
- Salazar, R. (Diretor). (2018). *La enfermedad del domingo* [Filme]. Espanha: Zeta Cinema; ON Cinema.
- Soares Santos, E. (2022). Interação ambiental na psicanálise de Winnicott: uma aproximação com a abordagem enativista. *Sofia*, 10(1), 299-317. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/32145>>.
- Soejima, C. S. & Weber, L. N. D. (2008). O que leva uma mãe a abandonar um filho? *Aletheia*, (28), 174-187. Recuperado em 03/06/2026 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000200014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200014&lng=pt&tlng=pt)>.
- Weinmann, A. de O. (2017). Sobre a análise fílmica psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 17(1), 1-11. Recuperado em 03/06/2026 em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.redalyc.org/pdf/5275/527568852006.pdf>>.
- Winnicott, D. W. (1983). Psicanálise do sentimento de culpa. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 19-30). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1958).
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 79-87). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1963).
- Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1956).
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Zourabichvili, F. (2004). *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

## **Sunday's illness: between psychoanalysis, abandonment and cinema**

### **Abstract**

*Sunday's illness* is a Spanish film directed by Ramón Salazar that deals with the relationship between a mother and daughter marked by maternal abandonment. This paper seeks to conduct a film analysis of the aforementioned work through a psychoanalytic lens, dialoguing with classical and contemporary authors in order to explore the psychic constitution in this context and understand the consequences of maternal abandonment in adulthood. The analysis of the film aims to illustrate the process of interpreting clinical content, drawing parallels between the film and clinical vignettes. The conclusion offers an interpretation that enables the understanding and reframing of the events portrayed in *Sunday's illness*, also considering the implications of psychic emptiness conditions in contemporary times.

**Keywords:** Film analysis. Psychoanalysis. Maternal abandonment. Existential boredom. Emptiness clinic.

## **La enfermedad del domingo: entre el psicoanálisis, el abandono y el cine**

### **Resumen**

*La enfermedad del domingo* es una película española dirigida por Ramón Salazar que trata sobre la relación entre una madre y una hija marcada por el abandono materno. El presente trabajo busca realizar un análisis fílmico de la obra citada desde la perspectiva psicoanalítica, dialogando con autores clásicos y contemporáneos, con el fin de explorar la constitución psíquica en este contexto y comprender las consecuencias del abandono materno en la vida adulta. El análisis de la obra cinematográfica tiene como objetivo ilustrar el proceso de interpretación del contenido clínico, presentando la película como un paralelo a las viñetas clínicas. Se concluye ofreciendo una interpretación que permite comprender y reinterpretar los acontecimientos retratados en *La enfermedad del domingo*, considerando también las implicaciones de las condiciones de vacío psíquico en la contemporaneidad.

**Palabras clave:** Análisis cinematográfico. Psicoanálisis. Abandono materno. Aburrimiento existencial. Clínica del vacío.

## La maladie du dimanche: entre psychanalyse, abandon et cinéma

### Résumé

*Le vide du dimanche* est un film espagnol réalisé par Ramón Salazar qui traite de la relation entre une mère et sa fille marquée par l'abandon maternel. Le présent travail vise à réaliser une analyse cinématographique de l'œuvre citée à travers le prisme psychanalytique, en dialoguant avec des auteurs classiques et contemporains, afin d'explorer la constitution psychique dans ce contexte et de comprendre les conséquences de l'abandon maternel dans la vie adulte. L'analyse de l'œuvre cinématographique vise à illustrer le processus d'interprétation du contenu clinique, en présentant le film comme un parallèle aux vignettes cliniques. Elle se termine par une interprétation qui permet de comprendre et de redonner un sens aux événements décrits dans *Le vide du dimanche*, en tenant également compte des implications des conditions de vide psychique dans le monde contemporain.

**Mots-clés:** Analyse de films. Psychanalyse. Abandon maternel. Ennui existentiel. Clinique du vide.

Submetido em: 20/11/2024

Revisado em: 13/10/2025

Aceito em: 26/10/2025